

**PENSANDO A SOCIEDADE INDIANA: REFLEXÕES ACERCA DA
CULTURA HINDU E O SABER HISTÓRICO**

**PONDERING THE INDIAN SOCIETY: CONSIDERATIONS ABOUT
HINDU CULTURE AND HISTORICAL KNOWLEDGE**

Bianca Gonçalves Louzada*

André Luiz Portanova Laborde*

RESUMO:

Refletir uma abordagem em torno da História Hindu, tem por finalidade apresentar um enfoque para se pensar à humanidade, o universo, os problemas sociais e a ciência. Em uma perspectiva oriental, discutir esses temas e apreender com o conhecimento indiano como perceber a sociedade sob outro prisma, através do olhar dos hindus. O entendimento partiu de uma essência interdisciplinar agregando os conhecimentos acerca da temática indiana. A efetiva contribuição para o âmbito acadêmico está calcada na difusão da ciência, e através do referido pensar. Assim, pode-se esclarecer a proposta como espaço de reflexão acadêmica perante a situação do planeta sob a égide oriental, sendo de grande relevância na exploração ao redor da História da Índia.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Índia e Oriente.

ABSTRACT:

Pondering about the Hindu History, the current study is aimed to present an approach to think about humankind, the universe, social problems, and science. In an Eastern perspective, discuss these subjects and learn with Indian knowledge how to understand society under a different point of view, through the look of the Hindus. The understanding came from an interdisciplinary essence adding knowledge about the Indian theme. The effective contribution to the academic sphere is grounded on science diffusion, and by thinking. So, we

* Acadêmica do curso de História bacharelado; Colaboradora do Grupo de Pesquisa em História Antiga - GPHA da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

* Coordenador do Grupo de Pesquisa em História Antiga – GPHA da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

can explain the proposal as a place for academic reflection in view of the planet situation under the East aegis, being of great relevance on exploration about the History of India.

KEYWORDS: History teaching, India and the East

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O projeto "Um olhar sobre Krishna: uma abordagem em torno da História, da Religião e da Filosofia Hindu", teve por finalidade apresentar um outro enfoque para se pensar a humanidade, o universo, os problemas sociais e a ciência. Em uma perspectiva oriental, discutimos alguns temas relacionados ao conhecimento indiano e como perceber a sociedade hindu sob outro prisma, através do olhar dos *descendentes de Krishna*.

O curso de extensão partiu de uma essência interdisciplinar agregando os saberes e conhecimentos acerca da temática apresentada. A sua efetiva contribuição para o âmbito acadêmico está calcada na difusão da ciência, e através do referido curso de extensão se reconhece essa íntima relação do conhecimento teórico com a discussão sobre o entorno. Assim, pode-se esclarecer a viabilidade dessa proposta como espaço de reflexão acadêmica perante a situação do planeta sob a égide oriental, como também será de grande relevância para exploração, e aprofundamentos teóricos da História da Índia.

As inscrições aconteceram de 21 de agosto a 04 de setembro no centro acadêmico de História Angelina Gonçalves – CAHIS/FURG.

Assim, este projeto fundamentou-se através da análise historiográfica, reconhecendo na fonte um instrumento de significação histórica, é que vamos identificar tal pesquisa. De acordo com Maria Cecília Minayo (2002), a análise das narrativas literárias, enquanto fonte de pesquisa é suficientemente plausível para a investigação na ciência.

BREVES CONSIDERAÇÕES AO REDOR DA FORMAÇÃO HISTÓRICA

Para nós ocidentais a História da Índia ainda se mostra por detrás de um tênue véu que aos poucos se revela pelos novos investimentos historiográficos. A civilização indiana nasceu em um contexto marcado por invasões, num constante renascer de identidades que marcam e caracterizam a população hindu.

Está imbricada também na História indiana uma relação bastante profunda entre religião e filosofia que correspondem uma lógica bastante diversa, e distante para nós ocidentais, entretanto se apresenta de forma sedutora também. Acontece na civilização indiana, ou melhor, no modo de pensar oriental, a emergência de uma metafísica que tem por finalidade explicar essa mística que está imbuída por toda a História da Índia. Na realidade essa magia faz parte de toda a construção do pensamento indiano, é o que o torna tão fascinante para a investigação científica.

ÍNDIA: A DESCOBERTA DE UM MUNDO PERDIDO

O objetivo sublinhado nesse momento é identificar como essa complexa civilização se desenvolveu, percebendo o seu contexto histórico e constatando também quais são as suas mediações com o sagrado. Buscamos também o entendimento de mundo da civilização hindu nessa trajetória grifada pela história.

O período que marca o início da civilização indiana é investigado a partir do advento que registra importantes descobertas a respeito da Índia se dando com as escavações arqueológicas que tiveram início na década de 20 (1922), no vale do Indo, no Sind, no Punjab e no Beluquistão¹. Essas escavações trouxeram à tona a existência de povos com origens e denominações ainda não esclarecidas, porém que remontariam a mais de três milênios a.C. O estudo acerca destas populações remetem-nos a Idade do Cobre, onde estas construíram cidades fortes desenvolvendo um projeto urbano funcional bastante arrojado².

Os habitantes do vale do Indo empregavam a roda para o transporte e também como torno para a fabricação cerâmica, e foram os primeiros a usar em larga

¹ Regiões da Índia - Vale do Indo. EDWARDS, Mike. *A civilização do Rio Indo*. IN: NOGUEIRA, Paulo (Coord.). *National Geographic Brasil*. v.1. n.º 02. São Paulo: Abril, 2000.

² As cidades eram estrategicamente fortificadas, com traçado urbanístico funcional, banhos públicos, mercados, adiantados sistemas hidráulicos e complexas redes de esgoto ao ar livre. Id. *Ibid.* p. 120.

escala tijolos cozidos nas construções. Tal como na Mesopotâmia, cujas cidades floresceram poucos séculos antes, em Harappa³ também havia um sistema próprio de escrita. (EDWARDS, 2000:126).

Essa descoberta em Harappa contribuiu para a constatação do cotidiano no vale do Indo. Reconhecemos nessas atitudes, os primórdios de uma civilização que estava em desenvolvimento, provavelmente esse registro se remete à população drávida, que genuinamente, em tempos ancestrais, ocupavam a região que hoje temos por Índia.

As escavações no vale do Indo despertaram olhares sobre um modo de vida que provavelmente tenha permanecido incólume durante muitos séculos. Foram encontrados sinetes, contendo um traço pictórico bastante sinuoso que apresentam inscrições que até na contemporaneidade ainda se encontram em fase de intenso estudo. Figuras que trazem a representação do cotidiano também vão auxiliar para conotar a respeito desse ambiente.

Nesse sentido, destacam-se símbolos totêmicos ao redor dos animais⁴ e de todo o imaginário que se atribui à mitologia indiana, suas visões de mundo, enfim o seu elo com o espírito e substancialmente com o transcendental.

De acordo com Jung (1991: 89), o maior cisma que existe entre o pensamento ocidental e oriental repousam no reconhecimento do espírito, onde na verdade vai estar localizado uma de suas profundas distinções. Pois, o sentido da “espiritualidade” é que irá, em realidade, denotar através de uma relação arquetípica, as “leis” que regem cada sociedade. Assim, para obter a compreensão do pensamento oriental, devemos nos despir de toda e qualquer ligação que amarre nossa visualização de mundo segundo o prisma ocidental e sim, partilhar de uma visão *Animus-Anima*⁵, para poder mergulhar de vez na História da Índia.

³ Harappa é também considerada outra "capital" do Império do Indus, mas tinha algumas diferenças, como o fato de o celeiro estar localizado fora da cidade, pois a proximidade com o rio Ravi permitia que toda a vizinhança transportasse por via fluvial os gêneros para serem estocados. O tradicional banho ritual dos hindus é refletido pelos intrincados sistemas de fornecimento de água de Harappa, assim como um organizado sistema de coleta de lixo.

⁴ Bois, elefantes e tigres eram retratados de forma realista, bastante semelhantes à arte sumeriana da Caldéia, a estética tinha impressionantes pontos de contato com a época clássica da própria Índia.

⁵ Arquétipos da Alteridade: A contraparte feminina no masculino, Animus e a contraparte feminina no masculino Anima. JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião Oriental*. SP: Vozes, 1991.

O período que irá demarcar o contexto histórico da Índia, o qual se tem registros na historiografia se apresenta por volta do ano de 1300 a.C., marcado pela invasão Ária⁶. Onde estes rumaram parte para o Irã e parte para a planície Indo-Gangética. Os árias dominaram toda a região expulsando, suprimindo e escravizando seus habitantes. Entretanto, mesmo sendo a população local superior à dos árias acabou sucumbindo à melhor organização política e militar do invasor.

Foi imposta aos árias a divisão clássica da sociedade hindu em castas⁷: *Brâmanes* (sacerdotes), *Xátrias* (guerreiros), *Váxias* (comerciantes), *Sudras* (camponeses e trabalhadores) e os *Parias* (os Intocáveis, sem direitos na sociedade). Destaca-se também uma considerável contribuição cultural dos árias que foi o Sânscrito, tal como aparece nos *Vedas*⁸ demonstrando o quão é latente a presença da religião para a formação do Estado indiano.

Além disso, é necessário entender até que a consolidação da história indiana se deu através de um processo invasor – no princípio marcado pelos arianos e, posteriormente, ao longo de sua história pelos muçulmanos, mongóis, ingleses, portugueses e outros – entre uma mescla de culturas produtora de uma diversidade de significados que compuseram a identidade da sociedade indiana. Nesse contexto, se apresenta a imigração ária entrelaçada à população local formada por povos pastores habitantes da região indo-gangética, denominada Drávidas ou drávidicos.

Como todo processo de assimilação cultural, conseqüentemente, ocorreram movimentos de resistência bem como mecanismos de incorporação da lógica dominante. É correto afirmar que esse processo por vezes é descrito como algo consolidador da fundação desse estado, mas como a Índia possuía uma divisão política bastante similar à península balcânica, algumas regiões encaminharam sua história de acordo com as doutrinas religiosas que seguiam.

⁶ Árias ou Arianos significa nobres em sânscrito, provinham do sul da região que atualmente reconhecemos por Rússia.

⁷ “[...] A religião tem sua origem na revelação, é transmitida pela tradição e é preservada pela ortodoxia. [...] As castas e a sociedade hindu tradicional são uma só e mesma coisa. [...] Está ligada à instituição social conhecida como sistema de castas, aparato de ordem social e cultural que regulam a sociedade hindu”. DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. SP: Edusp, 1992.

⁸ As primeiras grandes obras de literatura e de religião hindus. As quatro escrituras védicas (Rg, Yajur, Sama e Atharva-vedas).

Em função disso, para melhor entender o processo de ocupação e povoação da Índia, se torna inevitável um passeio ao redor das religiões que compõem esse mosaico territorial indiano. Através desse percurso iremos mergulhar e entender os estágios de compreensão acerca do processo histórico. Assim como conhecer e desfrutar da simbologia incutida na análise dessas religiões que através de um contexto sócio histórico revelará alguns dos encantos dessa sociedade calcada em mantras.

O HINDUÍSMO COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO

O Hinduísmo se situa entre as grandes mitologias arianas, lembrando muito a mitologia grega. No entanto, se observa no hinduísmo a presença de um princípio supremo, absoluto e infinito que podemos identificar por *Brahman*⁹, como revelador de toda a essência da religião. Mesmo sendo o Brahman o princípio absoluto, percebemos uma bipolaridade de potências em relação à figura do *Atman*, como a manifestação desse Brahman dentro do ser humano (essência/alma). “Por sua vez o Atman é o princípio universal que ilumina todo o indivíduo empírico, o sopro de eternidade contido em toda forma da existência que se transforma”. (MASSIMO, 2005:25).

Ocorre na experiência hinduísta uma sucessão infinita de manifestações (vidas) em um ciclo de renascimentos que são regidos pelo *Karma*¹⁰, a lei da retribuição dos atos, porém o Atman permanece e se envolve nesse ciclo. O objetivo da existência é a busca interior que permita o ser humano compreender o infinito em nós (Atman) e o absoluto (Brahman) são a mesma realidade.

⁹ O núcleo da experiência espiritual hinduísta é a fé em um absoluto, o Brahman, a única realidade verdadeira, incriada, fonte primeira e fim último de toda forma do cosmo, concebido também como um deus supremo pessoal (Trimurti: Brahma/ Vishnu/ Shiva) Brahman é o Uno e também o Tudo. Na realidade o Hinduísmo se apresenta panteísta na forma, mas monoteísta na essência, pois, todas as representações (Deidades/ Deuses) acabam sendo manifestações do supremo que é o Brahman. Então podemos dizer que o Hinduísmo é monoético porque visa o alcance e a ligação do eu/alma (Atman) com o eu superior Brahman.

¹⁰ Da raiz *Kr*: fazer, obra, ação, rito execução. É a lei da ação e divide-se em três momentos ou etapas, a saber: Sanchita-Karma (Sanchita: acumulado, amontoado) é o resultado de todas as nossas ações passadas, mas que ainda não começaram a germinar, amadurecer e transformar-se na colheita de uma vida; Prarabda Karma (da raiz *Prakk*: antecipado; e *arabda*: começando) é o Karma escolhido e acumulado no passado, mas que já começou a produzir frutos na forma de acontecimentos presentes. É a parte do Sanchita que vai ser vivida no momento atual. *Agami-Karma* (Agami: vindouro) é o destino que ainda não temos assumido aquele que, sendo efetuado (semeado) agora, será incluído em Sanchita. Sintetizando, *Karma* é a lei de ação e reação, de causa e efeito. ROHDEN, Huberto. *Bhagavad-Gita*. SP: Martin Claret, 2005.

A ótica hinduísta perpassa todas as esferas da vida, reverenciado-as com leis de pureza e os rituais, na convicção de que o significado da existência e a harmonia do mundo estão regrados por uma lei verdadeira e eterna: eis o *Dharma*. Logo, a ordem do cosmos se percebe na ordem social, ou seja, na vida do indivíduo, refletidos os preceitos dos vedas uma vez que regulam a vida e auxiliam a manutenção da relação Dharma/karma.

Todo pensamento hinduísta é atravessado pelo sentido do conflito e, ao mesmo tempo, da união última entre bondade da regra sagrada e o valor criativo da desordem, entre a beleza da vida e ao sentido de seu caráter ilusório, entre desejo e renúncia. (MASSIMO, 2005:26).

Dessa maneira, o pensamento hindu encarna alguns preceitos morais como: ética, estética e virtude/fé. Assim, entendemos essa organização entre conflito e união, como um espelho da relação sagrado/profano, deus/homem e céu/terra. Enfim, a particularidade metafísica indiana representa esse movimento nas suas inter-relações com a sociedade e, substancialmente, com a história.

O hinduísmo revela uma visão bramânica do mundo, mesmo tendo várias fases o hinduísmo se centrou desde seus primórdios nos preceitos védicos de explicação da vida. Portanto, elencamos aqui, o processo de construção desse pensamento e investigamos também qual a sua importância desse para o nosso estudo. Entretanto, já adiantamos que a religião hindu mesmo em sua diversidade de enfoques está presente e faz parte do processo de construção da mentalidade indiana e da oriental.

Mesmo assim, dentro do hinduísmo se menciona o papel da trimurti como sustentáculo representativo do Brahman. Existe nesta religião a representação da figura do Brahman associada à Trimurti¹¹, uma espécie de tríade com o caráter de sustentáculo simbólico para os hindus. Essa trimurti é percebida através das figuras de Brahma, o criador, Vishnu, o preservador e Shiva, o destruidor e transformador. À Shiva (o deus mais consagrado na Índia)

¹¹ Trimurti: Brahma/ Vishnu/ Shiva. Sachchidânanda (Sat- Chit- Ananda) - ser, consciência, felicidade – Representação da realidade última, transcendência. Trindade Hindu. STODDART, William. *O Hinduísmo*. São Paulo: Ibrasa, 2004. p. 32.

é relegado o domínio do sexo como forma de yoga¹², ou seja, como mecanismo de alcance ao sagrado, uma vez que se apresenta como chave à transcendência do espírito.

Portanto, os cultos a Shiva estão ligados diretamente a alguns preceitos do Kama Sutra¹³ e em especial ao papel da Mulher nesse processo. A presença da figura das *Shaktis*¹⁴ que junto ao cortejo de Shiva são reconhecidas por: *Umâ, Durgâ e Kali*¹⁵ acentuarão e, de certa forma, revelarão a grande diferença da visualização da mulher nesse contexto oriental.

Outro conceito a respeito da composição do pensamento em torno do hinduísmo, que vale a pena realçar, é a constituição do significado de realidade. Sob a ótica do hinduísmo o mundo em sua plena configuração se apresenta falso (Maya), uma percepção¹⁶ ilusória. Dessa maneira, Brahman é o verdadeiro princípio das coisas (real).

O termo maya (o relativo) é geralmente usado com o significado de 'o falso' (ou ilusório). Maya, contudo, pode também ser considerado positivamente como Krishna – Lîlâ: 'jogo divino', 'arte divina', 'magia divina' ou 'aparência'. No processo que leva à manifestação, o Ser (Îshvara) polariza-se em um princípio ativo ou masculino, Purusha, e em um princípio passivo ou feminino, Prakriti. Da interação desses dois princípios parentais nasce à existência ou manifestação (samsâra ou Jagat). (STODDART, 2004:29)

Em suma, a Contribuição do hinduísmo nesse estudo concerne um caráter representativo da realidade e dos papéis sociais. No entanto, sabemos que ainda se revelam inúmeras lacunas acerca da religião. Entretanto, não pretendemos esgotar aqui essa discussão,

¹² Yoga: Da raiz *Yuj*: Unir. União, conexão, Harmonia, relação. É a perfeita união do homem com a divindade. Patanjali define Yôga como a arte de suspender ou deter as funções da mente. ROHDEN, Op. Cit. p. 141.

¹³ O Kama Sutra ou Aforismo sobre o amor é a obra mais importante, a mais célebre da literatura Hindu. Seu autor Vatzayana viveu o I e o IV século da era cristã. O Kama Sutra é composto por cerca de duzentos e cinquenta versos que versam sobre um tratado de moral sexual, precedido de um curso de filosofia para uso de ambos os sexos numa busca incessante pelo amor universal. Kama – deus do amor- e Sutra – lições- Lêem-se então: Lições de amor. A recomendação do texto é associar o Dharma ao prazer sensual como forma de unir-se ao sagrado. As lições do Kama Sutra no que tange yoga e os mudras são os mecanismos de se atingirem a realidade divina. VATZYAYANA. *Kama Sutra: O livro sagrado dos brâmanes da Índia*. Trad. Isidoro Liseux. SP: Edições e publicações do Brasil editora S.A, 1930.

¹⁴ Shakti: Elemento feminino que compõem o princípio do universo (masculino/feminino) na trimurti hindu. Consortes. CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. SP: Cultrix, 1998. p. 74.

¹⁵ Shakti de Shiva: Parvati (Umâ, Durgâ e Kali) são suas representações. STODDART, Op. Cit. p. 35.

¹⁶ O poder cósmico que faz possível a existência fenomênica e as percepções da mesma. De acordo com a filosofia Hindu, somente aquilo que é imutável e eterno merece o nome de realidade; tudo o que está sujeito à mudança e que, portanto, tem por princípio e fim é considerado Maya. Às vezes é tida por ilusão. ROHDEN, Op. Cit. p. 135.

ao longo do trabalho ainda iremos recorrer a essa abordagem, porém cabe lembrar que o referido sistema religioso denota uma infinidade complexa de nuances a respeito do tema, o qual elucidaremos de acordo com as propostas da pesquisa que emergiram no curso de extensão.

O CURSO DE EXTENSÃO E O ENSINO DE HISTÓRIA

A relação entre pesquisa, ensino extensão se denota através da preocupação da construção coletiva do conhecimento acadêmico, em uma tentativa de agregar os saberes e as singularidades de cada indivíduo ao redor do conhecimento científico. O objetivo primordial do curso é apresentar um novo olhar sobre a história e a cultura hindu visando criar um espaço alternativo para se repensar e refletir em torno dos problemas que assolam o mundo oriental.

Dessa maneira, assim vê-se que a difusão desse conhecimento, a construção coletiva e a investigação teórica, o presente curso propõe ampliar o espaço de discussão sobre o mundo oriental e fornecer instrumentos e bibliografia para os interessados neste tema de pesquisa, contemplando a atmosfera da tríade ensino, pesquisa e extensão.

O curso visou atender a comunidade acadêmica e docente no que tange a História da Índia. Pretendeu promover a reflexão e a discussão sobre religião e filosofia buscando como alternativa a compreensão do universo do meio que está inserida está cultura.

Os objetivos do curso foram apresentar aspectos socioculturais da sociedade indiana em uma tentativa de promover a discussão e o aprofundamento do conhecimento sobre o pensamento e a filosofia orientais. Reconhecer na Cultura Indiana elementos que promovam o entendimento da religiosidade e sua intensa busca do autoconhecimento, visando refletir a respeito da sociedade ocidental e sua práxis em relação aos problemas do planeta; Conhecer aspectos da História, religião e filosofias Hindus.

A metodologia de trabalho se deu através de exposições dialogadas, apresentações de filmes, palestras em torno da pesquisa, visando o aperfeiçoamento acerca da temática. O encaminhamento metodológico também esteve subordinado a promoção da discussão sobre o

curso instigando a reflexão para se pensar os cismas entre oriente e ocidente, dessa forma foram utilizadas dinâmicas de grupo para se construir uma teia de saberes coletivos.

Podemos citar as problemáticas que orientaram nossa caminhada junto ao curso: Elementos filosóficos da Cultura Hindu; Ciência e religião; Sabedoria e religião Hindu como alternativa de pensamento; Alguns conceitos sobre o manejo da fé hindu; Pesquisa narrativa; Considerações sobre a História da Índia e Leitura orientada de textos. Estes foram os motes de investigação que nortearam nossa experiência.

Para a efetiva investigação acerca das narrativas que emergiram no curso, buscou-se na Nova História Cultural, o essencial refúgio teórico, pois entendemos que a análise dessas inter-relações são pertinentes nessa abordagem de investigação acerca da história. Roger Chartier (1982) diz que as representações simbólicas de um povo são os sustentáculos deste para a compreensão sócio-histórica da sua cultura e é percebendo, atenciosamente, alguns fenômenos presentes em suas mitologias, que vamos poder compreender sua gênese e seu sentido no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso proporcionou um melhor entendimento acerca da cultura indiana, tendo em vista que se preocupou em abarcar a História da Índia como eixo central das discussões. A reflexão acerca das religiões que circundam a Índia foi essencial para a compreensão da sociedade Hindu.

Os participantes tiveram a oportunidade de conhecer uma cultura, tecendo um olhar a respeito de suas contribuições ao conhecimento científico. Nessa medida, o curso se constituiu através de palestras, dinâmicas de grupo que visavam explorar os matizes que envolvem tal problemática, ao final os participantes apresentaram comunicações em torno da realidade hindu, como forma de salvaguardar o conhecimento adquirido.

A finalização do curso de extensão foi positiva, pois podemos perceber que seus objetivos foram alcançados. Conhecer de certa forma as profundezas do oriente nos norteou a pensar acerca da essência das interconexões que rodeiam a Índia.

Nesse sentido, foi emblemático nos debruçarmos sobre esses conhecimentos porque tivemos a oportunidade de entender os mecanismos que regem essa cultura. Tem-se assim na sociedade hindu, um grande ensinamento que nos orienta e faz-nos inclinar sobre alternativas de como pensar a práxis religiosa em função do conhecimento científico atrelado ao manejo das ações humanas perante o mundo em que vivemos.

Com essa reflexão vislumbrou-se uma perspectiva distinta ao ensino de História que nós é dado sob um prisma europeu, caucasiano, patriarcal e alienante. Percebemos que a cultura hindu nos possibilitou ver de outra forma à orientação da História, seguindo uma perspectiva oriental.

Nessa medida, verificamos como se estabelecem os significados da história de uma sociedade que se baliza através do elemento religioso para se impor frente ao mundo.

Em suma é aprendendo e apreendendo conceitos que brotam do oriente que poderemos pensar uma História local, menos positivista em sua essência e mais sócio-cultural em sua ação, onde as populações que estão à margem do discurso dominante tornem-se efetivamente os sujeitos de sua própria História.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. SP: Cultrix, 1998

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1982.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. SP: Edusp, 1992.

EDWARDS, Mike. *A civilização do Rio Indo*. IN: NOGUEIRA, Paulo (Coord.). *National Geographic Brasil*. v.1. n°. 02. São Paulo: Abril, 2000.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião Oriental*. SP: Vozes, 1991

MASSIMO, Raveri. *Índia e extremo oriente: Via de libertação e da imortalidade*. SP: Hedra, 2005.

MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. São Paulo: Vozes, 2002.

ROHDEN, Huberto. *Bhagavad-Gita*. SP: Martin Claret, 2005.

STODDART, William. *O Hinduísmo*. São Paulo: Ibrasa, 2004.

VATZYAYANA. *Kama Sutra: O livro sagrado dos brâmanes da Índia*. Trad. Isidoro Liseux. SP: Edições e publicações do Brasil editora S.A, 1930.